

Namoro e Sexualidade na Educação Especial

Dating and Sexuality in Special Education.

BATONI, Bruna Risquioto

Faculdade Jaguariúna

SOUZA, Luciana Gomes Almeida de

Faculdade Jaguariúna

TOPAN, Marília Palma e Silva Tafner

Faculdade Jaguariúna

CORBO, Bruna Milani Fioritti

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: A deficiência intelectual costuma ser estereotipada no quesito sexual, devido à falta de conhecimento tácito e pelo preconceito da sociedade com o diferente. Objetivou-se com este estudo discutir sobre as facetas da sexualidade em alunos de uma escola especial e programar grupos socioeducativos sobre o assunto para que estes pudessem expressar suas vivências e seus pensamentos. A metodologia aplicada foi a de uma breve revisão bibliográfica para coletar dados a serem correlacionados com os sete encontros socioeducativos que, contavam com cerca de 10 alunos, além de um encontro com os professores e outro com os pais e responsáveis. A análise da pesquisa quantitativa demonstrou escassez de produção científica sobre o assunto e os grupos demonstraram-se positivos, expondo as idealizações de relacionamentos e famílias, destacando a carência afetiva dos próprios, retratando que a sexualidade é intrínseca ao ser humano, que os alunos têm desejos e motivações para um futuro afetivo. Ademais, evidenciou-se o tabu do assunto na questão da liberdade de falar sobre o mesmo e tirar as dúvidas. Considerou-se que os alunos deficientes intelectuais necessitam do lúdico e de um processo lento de assimilação e acomodação para entenderem o conceito. Correlacionado a isto eles demonstraram entender sobre as práticas sexuais e construíram conceitos daquilo que para eles é certo e errado em um namoro.

Palavras chaves: Sexualidade; Deficiência Intelectual; Grupos Socioeducativos.

Abstract: Intellectual disability is often stereotyped in the sexual matter, due to lack of tacit knowledge and the society's prejudice with the differences. The objective of this study is to discuss the facets of sexuality in students of a special school and create socio-educational groups about the issue, in order to facilitate the expression of their livings and thoughts. The methodology applied was a brief literature review to collect data to be correlated with seven meetings with approximately 10 students and one with the teachers and with parents and guardians. The quantitative analysis demonstrated the lack of scientific production about the subject and the groups shows itself as positives, exposing the familiar relationship's idealizations, highlighting the lack of affection and demonstrating that the sexuality is intrinsic to human, that the students have some desires and they expect a more affective future. Moreover, there was a taboo in relation with the subject sexuality in the issue of freedom to speak

about it and take out the doubts. It was considered that the intellectual disabled students need playful activities and a slow process of assimilation and accommodation of the information in order to them understand the concept. They demonstrate understand about the sexual practices and create their own concepts of the right and wrong in a dating or relationship.

Keywords: Sexuality; Intellectual Disabilities; socio-educational groups.

INTRODUÇÃO

O diagnóstico de deficiência intelectual deve considerar o contexto da pessoa em sua forma social e a comparação com indivíduos da mesma faixa etária e cultura. Para a *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* - AAIDD - deficiência intelectual é caracterizada pelas limitações em grau significativo no intelecto, no comportamento de adaptação e nas habilidades conceituais, sociais e práticas. Assim, o apoio personalizado leva estas pessoas a terem melhor funcionamento de suas limitações (MORALES & BATISTA, 2010).

Sobre este tipo de deficiência, Gomes e Fernandes *et al.* (2007), referem que o sujeito tem um Coeficiente de Inteligência bem abaixo da média, podendo ter algumas dificuldades perceptivas, psicomotoras e físicas. Entretanto, destaca-se que existem patologias em que a pessoa tem boa cognição e Coeficiente de Inteligência bem elevado, porém sua inteligência emocional e ou seu nível de atenção são precários.

Considera-se, a partir da reflexão suscitada por estes autores, que cada pessoa ou grupo de características relativas à deficiência intelectual deve ter uma análise singular das suas limitações e potencialidades. Indica-se que, por meio da estimulação coerente e educação direcional, a pessoa com deficiência pode melhorar sua inteligência experiencial e contextual, além de ultrapassar seu limite da inteligência tácita e ter melhor desempenho emocional, tendo conseqüentemente uma melhor qualidade de vida e uma facilidade em seu cotidiano.

A definição de deficiência como uma incapacidade, algo indesejado e com limitações intransponíveis para quem a apresenta, provém do senso comum de uma sociedade que define os padrões de beleza, comportamento e perfeição. Sendo assim, a pessoa deficiente, comumente, ainda sofre com

relações pautadas pela segregação, estigmatizações e atitudes errôneas. Por estes motivos, conclui-se que, tanto para a sociedade quanto para os familiares, a deficiência tem características desumanizadoras, como se ela fosse um pressuposto de instintividade (SOUZA & BOEMER, 2003).

Ainda segundo as autoras, com o passar do tempo, os familiares modificam os significados de alguns valores, gerando uma relação afetiva intensa, mas eles não compreendem totalmente os filhos - um dos fatores pode ser a falta de diálogo com profissionais especializados e outro fator pode ser o próprio preconceito impregnado pela sociedade. Então, eles acabam se deparando com reflexões paradoxais na educação desta criança e adolescente, principalmente em como incentivar a independência, como explicar posturas do universo da sexualidade e a criação da identidade (SOUZA & BOEMER, 2003).

O presente trabalho científico busca compreender o universo da sexualidade para os deficientes intelectuais. A sexualidade na sociedade atual é vista como um tabu, tanto para pessoas sem deficiência, quanto para os deficientes, pois o assunto é distorcido, reprimido e apenas relacionado ao ato do coito. Contudo, para a psicanálise sexualidade vai além desta definição do senso comum, ela está imersa nas pulsões que o ser humano tem tanto de vida como de morte, amor e ódio, afeto e agressividade. Para a psicologia social sexualidade é algo que provém das relações sociais interligadas ao psiquismo, gerando algo cultural em que todos os seres humanos desta sociedade estão inseridos (BOCK *et al*, 2001).

O desenvolvimento da sexualidade é intrínseco ao ser humano e fazendo parte da personalidade de cada indivíduo, tanto em conduta biológica quanto em conduta social. É algo que provém desde a infância e reflete no adulto que a pessoa se tornará (PAPALIA & OLDS, 2000). Dadoorian (2005) relata que, a sociedade vê a sexualidade do deficiente mental sobre duas vertentes: uma angelical e outra monstruosa. Na primeira delas, o deficiente é visto como uma eterna criança, pura e sem imaginário sexual, já, quando o adolescente começa a mostrar um lado erotizado aparece a segunda vertente, o deficiente é visto como um animal impulsivo improvável de ser educado e controlado.

Todos que evidenciam algum tipo de necessidade educacional especial e demandam atendimento educacional especializado (AEE) têm se tornado público alvo da educação especial ao longo dos tempos. (PORTAL DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 2013).

Para uma maior aproximação e aprofundamento prático no tema deste trabalho, buscou-se uma escola que pudesse colaborar com a criação e implantação de um projeto de intervenção que oportunizasse o contato com alunos com deficiência intelectual e o trabalho socioeducativo com aspectos da sexualidade humana. A escola especial que aceitou colaborar se interessando pelo projeto, está localizada em um município do interior paulista. A escola tem 38 alunos que frequentam as aulas a semana toda, divididos em quatro turmas.

METODOLOGIA

Realizou-se breve pesquisa, no mês de maio de 2013, sobre artigos publicados, que retratassem o assunto sexualidade e namoro na deficiência intelectual para fundamentação da pesquisa, para isto utilizou-se as palavras-chave “deficiência, intelectual, sexualidade” nas bases de dados *Scielo* Brasil (<http://www.scielo.br>), *Pepsic* – Periódicos Eletrônicos em Psicologia – (pepsic.bvsalud.org), *LILACS* (lilacs.bvsalud.org) e *Bireme* (www.bireme.br). Os resultados obtidos sofreram algumas exclusões, tais como: resultados que consistiam em artigos científicos repetidos em mais de uma base de dados, ou artigos com data anterior a 2003, ou ainda artigos que não tinham o texto completo. Considerando-se estas exclusões, os artigos obtidos foram lidos em sua íntegra e puderam contribuir para o embasamento teórico para a intervenção educativa sobre o tema da sexualidade.

A intervenção foi realizada em forma de encontros socioeducativos que tinham a finalidade de sensibilização para as questões da sexualidade humana e elucidar a forma de percepção e relação social com o tema além de, esclarecer e orientar quanto a dúvidas ou angústias que os alunos por ventura apresentassem. Ao todo, foram realizados nove encontros sendo dois deles realizados com os professores e pais e os outros sete encontros de sensibilização e discussão com os alunos.

O encontro realizado com os professores da escola destinou-se à apresentação e seleção dos grupos de alunos que participariam da intervenção. O encontro com os pais e responsáveis foi conduzido pela psicóloga da instituição e teve a finalidade de apresentar a intervenção, esclarecer dúvidas, obter a parceria dos mesmos e orientar quanto a questões do âmbito familiar.

Os outros sete encontros foram realizados com os próprios alunos de educação especial, com o objetivo de compreender a percepção que estes têm sobre a sexualidade, promover uma reflexão deles sobre seus sentimentos e atitudes.

Consideraram-se as percepções e as necessidades deles de aprendizagem para oferecer um trabalho educativo sobre o tema com o intuito de colaborar com o desenvolvimento pessoal e social dos participantes como sujeitos plenos e coerentes. Os encontros foram registrados em papel com a ajuda de uma pesquisadora colaboradora que esteve presente nos encontros apenas para esta finalidade, auxiliando na coleta de dados para composição da discussão científica.

A análise foi dividida e embasada nos moldes utilizados por Souza (2003) que foram: leitura geral dos encontros e a posteriori dos relatórios – de forma não interpretativa e com empatia para se familiarizar com o contexto e com as comunicações expostas - a releitura e rememoração dos fatos – para identificar unidades de significados, significados subjetivos provindos da visão experiencial e intuitiva do pesquisador - o percorrer novamente dos textos – parte relacionada ao insight psicológico, observação de frequências com que alguns tópicos aparecem e se relacionam, além da inter-relação de conteúdos implícitos com a subjetividade do grupo e do assunto – e por fim, o reagrupamento dos elementos relevantes – construção consciente dos dados examinados, debatidos, questionados e refletidos que foram obtidos através de insights, visões subjetivas e intuição.

Os sujeitos da intervenção educativa consistiram de um grupo com cerca de 10 alunos de educação especial, regularmente matriculados em uma escola pública de um município do interior paulista com idade de 14 a 32 anos. Existiu uma maior instigação para que participasse do grupo aqueles alunos comentados pelos professores e equipe multidisciplinar da própria instituição

colaboradora, que estavam apresentando comportamentos e interesses referentes à adolescência e sexualidade. Os participantes não apresentavam patologias específicas relativas à saúde geral e capacidade de frequentar rotina escolar, no entanto, tinham condição existencial de deficiência intelectual leve ou moderada proveniente de síndromes e quadros genéticos, assim alguns utilizavam de comunicação não convencional e outros tinham atraso no desenvolvimento neuropsicomotor.

Os encontros com os alunos contaram com frequência semanal, com duração aproximada de trinta minutos, em que foram realizadas atividades de sensibilização e momentos de reflexão propostos pela pesquisadora e colaboradora. O tema foi abordado por meio de discussões, explanação de figuras, materiais lúdicos, conversas e reforçamento de conceitos já conhecidos pelos alunos.

Sendo assim, as atividades foram elaboradas conforme as necessidades do grupo e forma de se colocar o assunto. O uso desses recursos ocorreu para que eles compreendessem com maior facilidade e de forma espontânea e natural. Segue as descrições das propostas dos encontros em ordem cronológica:

I. APRESENTAÇÃO: Em uma reunião, conversou-se com os alunos de forma livre, sobre a proposta de haver um grupo de discussão na escola sobre a temática: namoro, adolescência, mudanças físicas e motivação e desejos (sexualidade). Foi perguntado o que eles pensavam a respeito, o que eles gostariam de discutir neste grupo e se eles se propunham a realizar os encontros, além de relatar quais seriam os possíveis materiais utilizados para a discussão dos assuntos.

II. O CICLO VITAL: A estratégia planejada para este encontro foi a de levar imagens para um olhar cronológico sobre a vida – do nascimento até a velhice e morte – elas foram apresentadas por meio de slides. Os alunos puderam expor suas ideias e vivências sobre cada imagem e discutiu-se sobre as mudanças causadas fisicamente na época da puberdade especificando o que é infância, adolescência e velhice. Além de questões do desenvolvimento físico e biológico e de qual definição para cada faixa etária, abordaram-se assuntos do universo feminino como as cólicas menstruais.

III. NAMORO E EXPECTATIVAS: questionamentos sobre as vivências em família de cada participante, quais os desejos relativos à própria condição de formação de família no futuro e solicitação do desenho de cada família. Em sequência foram apresentadas várias imagens de casais com diferença de idade, gestos carinhosos, beijos, agressividade, ou seja, imagens de vários tipos de afetividade e relacionamentos e foi pedido para eles colocassem em três tópicos “pode”, “não pode”, “diferente”. A partir dessa atividade, foram montados dois cartazes um com as imagens e outro com os desenhos.

IV. IDENTIDADE E PROJEÇÃO DO AFETO: estratégia planejada em quatro passos: primeiro – alongamento; segundo – dinâmica em que as pessoas andassem e tentassem falar ao mesmo tempo, buscando atentar para a dificuldade de ouvir com a atenção desfocada; terceiro – teatro com um casal brigando, quando foram propostas várias cenas em que os alunos puderam participar no lugar de um dos protagonistas; e quarto – uma discussão sobre as vivências realizadas pelos alunos.

V. DE ONDE VÊM OS BEBÊS: retomou-se alguns pontos vistos pelo grupo no tópico O CICLO VITAL até chegar ao tema que jovem poderia ter um bebê. Realizou-se, então, a leitura do livro “Mamãe botou um ovo” da autora Babette Cole (COLE, 2006), que aborda de uma forma simples e completa as possibilidades de relação sexual e expressões da afetividade nos seres humanos, seguindo-se de discussão todos os participantes.

VI. CUIDE-SE: abordagem de questões como higiene e como se contraem algumas doenças, explicando-se a importância de se prevenir de doenças virais comuns e também aquelas sexualmente transmissíveis, além da conversa sobre gravidez indesejada e orientação sobre o uso de preservativos e contraceptivos.

VII. O AMOR E AS RELAÇÕES: Para encerrar os encontros do grupo socioeducativo foi passado o filme “Up: altas aventuras” (UP... 2009), escolhido por tratar das questões do amor correspondido, ciclo vital, sobre a carência e a amizade, possibilitando de uma forma lúdica e prazerosa a despedida da intervenção, pois o filme abrangeu assuntos que se destacaram nos encontros.

Embasamento da análise de resultados

Segundo Bock *et al.* (2001) na psicologia social a contradição existente em todos os objetos é a força de seu movimento de transformação e é na relação desse objeto com o mundo que o cerca que os elementos contraditórios se constituem. Por estas relações com o meio desde a infância, o indivíduo passa a se caracterizar e entrar em conflito com sua cultura e meio social. Desta forma é que as pessoas se aproximam e tem espelhos de como querem ter sua família e vida afetiva. Pode-se dizer que mediante o grupo que pertence ele tem um modo de se relacionar com o meio, idealizar, projetar e se identificar.

Na psicologia social o princípio de atividade é uma unidade básica a vida do sujeito material, pois é assim que o homem domina o mundo; o que está no mundo externo entra no mundo interno subjetivamente como ideias e imagens. Tem-se também a consciência, modo em que o sujeito se relaciona com o mundo externo que é produto das relações com o meio. Já a noção de identidade é norteadada pela representação e sentimentos que o sujeito desenvolve a respeito dele mesmo com base as suas vivências (BOCK *et al.*, 2001).

Este processo engloba a escola local de forma a relacionar a aprendizagem em grupo e de socialização do sujeito. A escola serve tanto para um meio educativo quanto para um meio de relações e desenvolvimento afetivo do sujeito (MIRANDA, 1989). Em um processo grupal uma importante relação é da linguagem e com a comunicação, que fazendo com que o indivíduo interiorize e exteriorize a informação. Segundo Siqueira & Nuemberg (1998) e Roso (1998) toda constituição interna é devida a interação social da pessoa e a comunicação que esta teve com o meio. Sendo assim, a forma com que é expressa uma informação tem crucial importância na subjetividade da pessoa, pois dependendo de seus mecanismos ela pode vir a assimilar ou não.

Todo este processo grupal descrito se relaciona também com a teoria de Piaget que interage com os conceitos de assimilação e acomodação que são peças chaves para o processo de desenvolvimento cognitivo da espiral continua e ascendente do processo do desenvolvimento e da aprendizagem, pois assimilação é o processo de entrada pelo qual o meio externo é incorporado à atividade do indivíduo. A assimilação é regulada pela

acomodação que é o processo de saída, ou seja, de como aquilo que foi assimilado vai para o meio pelo indivíduo. Estes dois processos são simultâneos e estão presentes em todos os níveis biológicos e intelectuais, sendo assim, desenvolvendo o cognitivo e o físico. O equilíbrio é um processo constante de reorganização interna e autorregulada. São quatro fatores principais para esse fator dinâmico do conhecimento: maturação, experiência, transmissão social e o processo de equilibração (PIAGET, 1989).

Na temática sexualidade pode-se contextualizar, inicialmente, a aprendizagem, o processo grupal, a identidade e o contexto sócio histórico com os conceitos de Kahhale (2002) que, primeiramente, determina-se sexo como algo provindo da genética ou biologia. Entretanto, sabe-se que a questão cultural, social e histórica tem interferência na exposição deste para o meio externo e o mesmo pode ser dito nas questões de moral.

Relata-se também que, a mulher normalmente sofre maior preconceito do que os homens por uma questão construída historicamente. Aguiar *et al* (2002) declara que a interação com o adolescente deve ser considerada como algo natural, pois a visão desta fase ser de crise e turbulenta é uma visão preconceituosa, a sociedade a faz desta forma o que influencia o tratar dos jovens. Assim, pode-se associar a importância da construção da identidade, do processo grupal para se compreender a adolescência na atualidade e de observar que a sexualidade se entende como algo inato ao ser humano e que algumas exposições e regras são realizadas e impostas pela cultura.

RESULTADOS, ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES

Resultados quantitativos

Na pesquisa bibliográfica de bases de dados foram encontrados 34 artigos (SciELO 11, Pepsic, 02, LILACS 09 e Bireme 12). Excluindo-se os artigos repetidos, os que foram publicados no período anterior a 2003 e os que não possuíam texto completo, sobraram 12 artigos.

As 12 referências bibliográficas trouxeram importantes apontamentos sobre como o tema tem sido tratado no meio científico e auxiliaram na metodologia dos grupos socioeducativos. Estes resultados permitiram inferir que falar de sexualidade na sociedade é um tabu e que se intensifica, quando

este tema está relacionado com deficientes intelectuais, pois há pouca produção acadêmica científica, falta de conhecimento e existe alienação de pais e de alguns professores e isto pode refletir negativamente no desenvolvimento do aluno em questão. Em relação a este fato Garcia (2012) relata que a maioria dos trabalhos científicos sobre a sexualidade no deficiente intelectual é teórica ou refere-se aos pais ou profissionais que se relacionam com esse tipo de sujeito.

Morales e Batista (2010) afirmam que a compreensão sobre deficientes intelectuais contrastam com a visão mítica que os caracteriza por suas incapacidades. Segundo Litting (2012) em sua pesquisa sobre a análise das percepções de mães de adolescentes, este tema ainda é permeado de preconceitos, mistificações e discriminações, principalmente no âmbito da família, pois se observou que a problemática maior sobre o assunto sexualidade não era apenas os das limitações do indivíduo, mas também da desinformação, do preconceito, da negação e indiferença sobre o assunto das pessoas que o circundam; estes mesmos argumentos são relatados por Pinheiro (2004). Pelo trabalho de Vincentis *et al*, pode-se dizer que qualquer tipo de doença ou diferenciação faz a pessoa ser relacionada a uma sexualidade diferenciada pela sociedade.

Correlacionado a esses relatos Bastos e Deslandes (2012) e Albuquerque (2011) relatam que os pais têm escassa ou nenhuma informação de como lidar com os aspectos da sexualidade de seus filhos. A sexualidade atualmente é vista de forma exacerbada pela cultura e pelas mídias (BASTOS & DESLANDES, 2005) o que gera consequências no imaginário do jovem com ou sem deficiência intelectual e os professores se sentem constrangidos e despreparados para abordar este assunto com os alunos (PRIOSTE, 2010; DADOORIAN, 2005; VENÂNCIO 2013).

Os autores Luiz e Kubos (2007) em seu estudo sobre namoro em pacientes com Síndrome de Down revelam que filhos de pais com melhores índices econômicos e sociais têm melhor desenvolvimento de sua vida afetiva e da sexualidade, justamente pela informação que esses recebem e transmitem a seus filhos.

Início da intervenção

Primeiramente, foi apresentado o projeto para os professores e demais funcionários da escola, houve boa aceitação por parte destes, que já tinham conhecimento da necessidade de se discutir sobre a sexualidade naquele grupo de alunos. Com o objetivo de introduzir o projeto e solicitar autorização de participação dos filhos para os pais ou responsáveis, foi realizada uma reunião, para uma explicação expositiva sobre as intervenções que iriam ser aplicadas. Estavam presentes profissionais responsáveis pela escola especial e todos os pais dos interessados, além da pesquisadora e das colaboradoras. As permissões para a participação dos filhos no projeto foram assinadas e recolhidas. Os pais manifestaram satisfação quanto às propostas, não apresentando resistências ou dúvidas sobre o tema.

Intervenção juntos aos alunos

Para os aplicadores a apresentação do projeto de intervenção aos alunos demonstrou-se positiva, pois ocorreu interesse pelo tema e estiveram bastante motivados com a possibilidade de um novo grupo de conversa. Outro fato interessante é que surgiram ideias deles próprios sobre como gostariam que fossem abordados os temas, com desenhos, recortes e colagens. Por meio de verbalizações, eles também demonstraram motivação para os encontros, principalmente aquele em que seria realizado um teatro. Assim, a conversa e explicação do grupo de trabalho foram interessantes tanto para um *rapport* entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa quanto para observar a melhor forma de conduzir os encontros.

No primeiro encontro falou-se sobre O CICLO VITAL e pode-se perceber que para eles as responsabilidades de cada etapa da vida sempre estavam relacionadas à escola e ao trabalho, por exemplo, a criança não vai à escola quando muito pequena, depois quando cresce sempre precisa ir estudar e quando idoso mesmo que aposentado não é bom ficar sem estudar.

O ser jovem para os alunos se relaciona com o período de estudar, trabalhar para um dia ser adulto, sair, namorar e casar. É interessante observar que os alunos tem consciência do que cada período da vida representa e por qual tipo de pessoa é representado, porém quando ele se coloca na situação acaba demonstrando incoerência entre a sua idade e a fase que está.

Neste tópico o namoro para os alunos foi visto como algo de respeito, concordância e amizade. Assim, observa-se a idealização sobre o assunto namorar, pois eles relataram namoros muito próximos do idealizado como namoro a distância e sem se ver e namoro próximo à amizade como o caso do casal que estava na sala que só demonstram ter aproximação amigável. Sobre a vida em casal destacou-se os assuntos domésticos de como um casal deve se relacionar e afazeres que cada membro deve desempenhar. Analisa-se o fato da cultura e sociedade estarem presentes nas representações dos alunos quanto à família idealizada. Lane (1989) explicita que normalmente as pessoas acabam imaginando de maneira ideológica seus relacionamentos, por meio do que é aprendido socialmente.

Quanto ao encontro sobre NAMORO E EXPECTATIVAS, os alunos demonstraram gostar da própria família e ter uma boa relação dentro de suas casas. Também, aparentaram uma relação de dependência familiar ou demonstram o que é esperado socialmente por eles em sua condição. Quando pedido para desenhar suas famílias no futuro (se pretendiam morar sozinhos, casar, ter filhos, animais de estimação, e afins) eles desenharam a família que já tem e a casa onde moram atualmente.

Interessante observar que o machismo visto na sociedade influencia os alunos, como no caso do grupo que tiveram as fotos dos casais homossexuais, os dois homens foram vítimas de risadas e inicialmente os meninos falaram que “não podia”. Já no casal de mulheres os meninos acharam estranho vê-las se beijando, porém falavam que elas podiam se relacionar. Outro fato relevante no mesmo grupo é que as meninas, inicialmente, disseram que se poderia dar sapatada no homem, caso ele tivesse feito algo de muito errado, depois todos concordaram que quando feito isso a mulher acaba perdendo a razão, e que isso não é bom para nenhum dos lados, pois violência gera mais brigas.

Apesar desses tópicos apresentados acima que geraram opiniões diferentes, os alunos concordaram entre si, quais as fotos, representavam ações que podiam ou não podiam ser feitas dentro de um relacionamento. Foi aprovado que todo namoro deve ter carinho e respeito e, que é necessário deixar o orgulho de lado quando se erra e pode-se pedir desculpas. Eles também entenderam as relações com os diferentes, num primeiro momento sugerindo ambiguidade, mas, ao final, demonstrando que concordavam que

deve haver respeito por parte do casal homoafetivo e por parte de deles também. Assim, a intervenção foi muito produtiva, eles realizaram a atividade com êxito, demonstrando sentimentos de satisfação ao relatarem sobre suas vidas pessoais e demonstraram ter expectativas e objetivos futuros, apesar de ainda estarem muito ligados a seus familiares, afirmando os conceitos de Morales e Batista (2010) que vão contra o senso comum que reflete os deficientes intelectuais como incapazes de compreender situações.

No encontro sobre IDENTIDADE E PROJEÇÃO DO AFETO os alunos riram e incentivaram as cenas do casal brigando, retratando o cenário cultural atual, apresentado pelo sucesso das novelas atuais e contextos diversos que são expostos pela mídia, em televisão, revistas, vídeos, onde se apresentam muitos conflitos entre casais. Isto demonstra as representações sociais e o ambiente em que os alunos eram carregados de símbolos e significados da cultura local, como qualquer outro indivíduo (LANE & CODO, 1989).

Entretanto, no momento do questionamento, eles sabiam que não era saudável ter discussões ou brigas em um relacionamento e que as pessoas precisavam se ouvir, pois ir contra isso seria falta de respeito entre ambos. Nesse encontro foram previstas encenações teatrais e, no início, todos se dispuseram a participar e estavam ansiosos para as encenações, mas quando começou a atividade em si, alguns alunos apresentaram timidez, pois para revolver o conflito da cena falavam que não podia ser daquele modo. Então, não queriam ir à frente participar, e quando questionados sobre o que estava sendo apresentado eles davam opinião e falavam como podia ser feito, e acabaram participando de alguma forma.

Tal intervenção confirma o retratado por Morales e Batista (2010) em que o apoio personalizado ajuda os deficientes intelectuais a suas limitações. Destaca-se que os alunos incentivavam verbalmente e com palmas para o colega que estava sendo chamado a encenar, ou até chamavam pelo nome para a pessoa ir à frente, assim mesmo com dificuldade de se expressar, como já retratado eles aparentavam estar interessados no grupo.

Desse modo, pode-se dizer que esse encontro relacionou com o conceito de identidade de Bock *et al.* (2001) que relata as vivências com a sua forma de emitir respostas e afeto, pois o encontro demonstrou a maior singularidade por parte dos participantes, houve quadros de submissão, falta

de argumentação, de se vitimizar ou entrar no quadro de culpado e tentar se desculpar, o que ocorreu com a grande maioria dos alunos.

No encontro sobre DE ONDE VEEM OS BEBÊS, os alunos primeiramente riram mediante ao assunto (apresentação do livro “Mamãe botou um ovo”). Levou-se em conta para análise desta atividade que o tema sexo é polêmico (BOCK et al, 2001), assim foi considerado esperado eles demonstraram uma retração no começo e infere-se que por sentir medo ou que seriam punidos por estarem falando sobre este assunto.

Os alunos bateram palmas após a leitura e explicação do livro, o que demonstrou aparentemente que eles entenderam o exposto e que algo os tocou na subjetividade. Este foi o momento em que os alunos menos falaram, entretanto devido às perguntas feitas a eles o grupo retomou vários assuntos discutidos anteriormente.

Observou-se a relação deles com o casamento, que ter filhos só pode ser após se casar e que casar é melhor do que namorar, pois assim você divide tudo, salienta-se a visão de carência dos indivíduos do grupo e de algo tradicional que foi passado a eles através da sociedade, onde o sexo é ainda um tabu. Foi interessante o fato de relacionar os casais em que pais solteiros ou casais homossexuais podem ter filhos se tiverem condições financeiras e muito afeto, assim demonstrando um avanço na quebra de preconceitos sociais demonstrados na atividade realizada anteriormente, onde se distinguia o que pode, não pode e o que é diferente em um relacionamento.

Destaca-se o fato dos alunos falarem que certos modos de se vestir não são apropriados para pessoas que namoram ou se casam. Eles concordaram com o fato de que a pessoa amada deve gostar deles da forma como que eles são. Sendo assim, não se deixar influenciar pelo outro, mesmo que o outro jogue com as palavras de indução e se pessoa não fizer o que lhe foi pedido não a amará mais. Eles também relataram que não se pode fazer as práticas sexuais - tidas neste grupo como forma de fazer bebês - fora de casa e perto do público e que estas práticas só podem ser feitas por pessoas casadas e não é certo “fazer bebês” sendo apenas namorados.

No encontro intitulado CUIDE-SE, o grupo mostrou-se intensamente participativo, tendo sido marcado por comentários sobre higienização diária, como tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos, principalmente quando

alguém próximo que está com gripe antes de tocar nas mucosas. Houve esclarecimentos sobre herpes, sobre utilizar o banheiro limpo, principalmente as meninas, pois elas podem contrair doenças se um banheiro não estiver devidamente higienizado.

Os próprios alunos trouxeram dúvidas de como se contrai AIDS e câncer. Foi explicado que o câncer não é transmissível e no assunto AIDS foi retomado o assunto de como são feitos os bebês. Explicou-se que para contrair AIDS, a pessoa com que você se relaciona tem que estar com o vírus, deste modo foi dito a importância de não se relacionar com qualquer pessoa e caso fossem se relacionar fazer exames preventivos e usar a camisinha. Nesse momento foi muito interessante, pois um dos alunos disse que sabia o que era camisinha e explicou aos colegas.

Nesse ponto, foi explicado também sobre a pílula que evita a gravidez, cólicas femininas ou outros problemas e que as meninas podem ter uma menstruação de poucos dias ou muitos dias e a quantidade de fluxo poderia ser pouca, média ou grande. Houve muitos questionamentos por parte dos alunos sobre “se dormir junto pode ficar doente ou ter filhos” ou “como é feita a relação” ou ainda “se o corpo da menina muda após ela iniciar a vida sexual”, “se gente que não é casada pode fazer”. Bastos e Deslandes (2005) afirmam que são questões muito comuns de serem ouvidas no senso comum e também que as dúvidas podem ser provindas da exibição do sexo na mídia.

Neste momento, foi explicado que se ficar apenas perto de uma pessoa não se contrai as DST's, não acontece a gravidez e o assunto, foi retomado com o livro estudado na semana anterior de como é feita a relação sexual e explicado novamente as diferenças entre o menino e a menina. Foi desmitificado o fato ocorrer mudança corporal na menina após a relação sexual e se retomou o grupo de desenvolvimento humano. Também foi dito que a pessoa deve se cuidar e assim usufruir das práticas preventivas. Retomado o assunto de namoro falou-se das imposições de tentar mudar a pessoa ou manipulá-la, pois se trata de desrespeito.

Os alunos também retrataram que não podem fazer essas perguntas dentro de casa e na própria escola. Explicou-se durante as conversas eles poderiam perguntar o que quisessem e situações foram esclarecidas e elogiadas pelos alunos, eles disseram que isso foi muito bom, pois agora não

tinham mais dúvidas. Prioste (2010), Dadoorian (2005) e Venancio (2013) correlacionam estas questões ao tabu do assunto tanto para a sociedade quanto para os deficientes intelectuais.

Assim sendo, considerando a intensa participação com perguntas e explicações produzidas pelos próprios participantes, pode-se perceber a dificuldade em tocar no assunto sobre sexualidade ou mesmo em se aprofundar em dúvidas relevantes nos relacionamentos em família e em sociedade.

No encontro sobre O AMOR E AS RELAÇÕES, onde foi exibido um filme de animação o grupo apresentou-se bastante interessado, os alunos disseram que iriam sentir falta dos encontros e que gostaram de todos os encontros que ocorreram, permitindo um fechamento significativo do trabalho e retratando de forma positiva a intervenção como um todo.

Discussões acerca das intervenções

Uma característica comum nas atividades foi o entusiasmo por parte dos alunos, a vontade de participar no grupo e suas singularidades. E elas se mostram por meio da personalidade dos participantes que repetiram comportamentos em todos os encontros, pois havia o aluno que sempre estava ativo, o que falava muito, ou que quase não se manifestava com palavras, ou que ria de tudo e brincava. Observou-se que, cada qual ao seu modo, interage e se doa no grupo, podendo até inferir na carência que sentem, sendo suprida pela interação grupal ou de qualquer forma de contato. Foi destacado o fato da carência e apego dos alunos por suas falas, modos de observar as relações e pela própria vivência da relação grupal.

Um fato interessante foi a visão dos alunos para o caso de casais homossexuais que buscam adotar crianças, eles disseram que o tipo de casal é incomum, porém que se eles tivessem condição afetiva e monetária para cuidar de alguém poderiam adotar dizendo ser algo bom para a criança, pois na visão deles ela seria muito amada.

Considera-se a conversa e a discussão sobre relacionamentos bem idealizadas pelos alunos, como algo praticamente perfeito e que as dificuldades não existem dentro da convivência, se você for bom com a pessoa. Inicialmente, para eles somente o fato do rótulo de namorado já significava

gostar do outro. Foi retirado do grupo o que seria necessário para manter a relação, ou seja, atitudes, expressando a vontade de estar junto no cotidiano, respeitando a outra pessoa, mesmo quando não se concorda com ela, e isto foi discutido em quase todos os encontros. Na questão do sexo foi notória a existência de conceitos enraizados no grupo, onde este era um assunto proibido e muito errado.

Assim, houve a possibilidade de quebrar alguns conceitos, esclarecendo as dúvidas que surgiram e apresentando um novo modelo de relacionamento a eles. Juntos puderam integrar o que já existia como valores e princípios, àquilo que foi apresentado e a interação de todos os membros foi relevante para o princípio de crescimento e conhecimento dos mesmos.

Os encontros elucidaram vivências quanto à sexualidade para o deficiente intelectual de maneira relativamente parecida com a pessoa tida como normal, pois eles expressaram as mesmas vontades e curiosidades acerca do assunto. Entretanto o tabu sobre esse assunto relacionado à deficiência foi visto pelas explicitações dos participantes, pois quando explicado que eles poderiam falar abertamente os alunos não acreditavam que realmente tinham um espaço para ouvir, falar e debater o assunto, inicialmente testavam e achavam que iam ser punidos.

Isso demonstra que o maior diferencial no relacionamento com o deficiente é a dificuldade que esses têm sobre o acesso à informação de cunho sexual. Outro fato a ser considerado é que a forma de aprendizagem desses com o modo lúdico, de clareza, atenção às capacidades de compreensão próprias de cada um, são fatores primordiais para se discutir assuntos para eles bastante complexos. Eles precisam ter uma explicação por meio de desenhos e de construções de grupo, como cartazes e discussões para assimilarem o conteúdo. Além disso, necessitam de um processo mais lento de processar e entender o fato, sendo assim a diferença de uma semana para cada assunto se mostrou positiva.

A forma pela qual o grupo foi trabalhado, iniciando com fases da vida, crescimento e desenvolvimento, seguidos das questões de sociedade, diferenças, família, carências e expectativas e só depois abordar as questões da sexualidade em si, também se demonstrou positivo, pois os alunos nas dúvidas de sexualidade podiam perguntar no próximo encontro o que lhes dava

explicações sem lacunas. Outro fato interessante foi a proposta de dar liberdade aos alunos para darem sua opinião pessoal e formar uma opinião grupal final após a discussão, pois os alunos se sentem mais participativos e motivados.

Sobre a dinâmica de participação dos alunos no grupo deve-se ressaltar o fato de que no início havia menos entrosamento entre a turma e também para os mediadores (colaboradora e pesquisadora). À medida que encontros foram sendo elaborados foi mais fácil o diálogo, que fez bastante rico o fato de não se tratar da sexualidade inicialmente, pois já que esta é um tabu da sociedade para adolescentes. Iria ser muito constrangedor e com menos abertura se os encontros já iniciassem com a abordagem de sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto sexualidade para o deficiente intelectual demonstra ser ainda um tabu a ser vencido. A pouca produção acadêmica científica, a falta de conhecimento e a alienação de pais e alguns professores podem refletir negativamente no desenvolvimento desses alunos que vivenciaram a pesquisa.

A sexualidade ainda é um tabu para a sociedade em que os alunos estão inseridos, pois havia uma atmosfera de incredibilidade e timidez nos alunos que, mesmo dizendo-se que nada aconteceria e eles poderiam se abrir, passaram a impressão que se fizessem perguntas pertinentes pudessem ser ridicularizados ou punidos. Paradoxalmente a esse ponto, os alunos retrataram atenção e que aparentemente fizeram conexões entendendo o que foi retratado.

Sanches-Ferreira (2012) refere que o deficiente intelectual deve ser visto de forma integrada e se relacionando com o mundo em processos dinâmicos e transacionais de desenvolvimento humano por meio do ajustamento entre o próprio e o contexto que este está inserido.

Assim, observou-se que além dos alunos interagirem e demonstrarem compreensão, também se pode aprofundar o assunto sexualidade falando em práticas preventivas, sexualidade na sociedade, o comum e aquilo que não é aceito pela cultura vigente, além de falar sobre o próprio corpo. Para entrar em assuntos mais complexos como o uso da camisinha, masturbação ou formas

de expressão da sexualidade, o grupo demonstrou certa imaturidade, que pode ser interpretada pela delimitação do número de encontros e do tempo de intervenção que não permitiu a extensão da realização do trabalho a ser descrito nesse momento. Entretanto, caso a pesquisa continuasse a ser realizada existiria a possibilidade que os alunos chegassem a um patamar de maturidade para o entendimento de tais assuntos.

Destaca-se também, a consideração de que algumas vezes alguns dos alunos deficientes intelectuais moderados realmente entendem o que é retratado e o quanto eles apenas concordam devido a estarem sendo mediados ou guiados pela fala dos outros alunos, pois existiam alunos que sempre ficavam quietos. Ressalta-se o fato de que alguns alunos também podem associar o grupo como uma lição escolar, pois no senso comum quem fala à frente é detentor do saber. Entretanto por este motivo houve a preocupação de tentar construir as idéias juntas com os alunos e ir conduzindo para que eles mesmos falassem e dessem sua opinião particular e depois debater com a turma. Ademais se observou a prevalência de conceitos de práticas heterossexualidade nos encontros devido aos relatos dos participantes.

Constatou-se que os alunos deficientes intelectuais necessitam do lúdico e de um processo lento de assimilação e acomodação para entenderem o conceito. Correlacionado a isto eles demonstraram entender sobre as práticas sexuais e construíram conceitos daquilo que para eles é correto ou não em um namoro.

Considera-se que os encontros foram aproveitados significativamente pelos alunos, pois esses puderam contar suas expectativas amorosas, relevar algumas carências, projetar sentimentos e vivências, além de confirmar o fato que a sexualidade para eles é algo natural.

Identifica-se a possibilidade e relevância de aprofundamentos científicos no tema de modo a contribuir-se para a construção de saberes mais próximos às práticas educativas e vivências em sua sexualidade, de pessoas com deficiência intelectual, vislumbrando um futuro onde se garanta acesso à formação plena do indivíduo em todas as suas necessidades e formas de expressão relacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W.M.J; BOCK, A.M.B. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A.M.B., GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. Cortez. São Paulo. 3ª Edição. 2007. Capítulo 9, pp163-178

ALBUQUERQUE, P.P.de. Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação para pais. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v.29, n.64, pp.109-119 jan./mar. 2011. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=4531&dd99=vie>
w>. Acesso em: 30 mai 2013.

BASTOS, O.M.; DESLANDES, S.F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciênc. saúde coletiva**, RJ. v.10, n.2, abr 2005.

_____. Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes. **Physis**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01037331201200030010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 mai 2013

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, A. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo, Saraiva, p. 135-147. 2001.

COLE, Babette. **Mamãe botou um ovo**. 7ª Edição, São Paulo, Atica. 2006.

DADOORIAN, D. O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.06, dec. 2005.

GARCIA, W.P. Apontamentos e reflexões sobre a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. **Psicol. Argum.** Curitiba, v. 30, n. 68, p. 149-160, jan./mar. 2012. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=5893&dd99=view>>. Acesso em: 30 mai 2013.

GOMES, A.L.L.; FERNANDES, A.C.; BATISTA, C.A.M. (*et al*). Atendimento educacional especializado: deficiência mental. Formação Continuada a Distância de Professores para o AEE. **SEESP/SEED/MEC**. Brasília/DF. 2007.

KAHHALE, E. M. P. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, A.M.B., GONÇALVES, M.G.M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. Cortez. São Paulo. 3 ed. 2007. Pp.179-191.

LANE, S.T.M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8ª Edição, São Paulo. Brasiliense. 1989. p. 79-98.

LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8ª Edição, São Paulo. Brasiliense. 1989.

LITTIG, P.M.C.B. *et al*. Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v.18, n.3, set 2012.

LUIZ, E.C.; KUBO, O.M. Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v.13, n.2, ago 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução no. 4 de 2 de outubro de 2009. Institui Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica,

- modalidade Educação Especial. Resolução CNE/CEB 4/2009. DOU, Brasília, 5/10/2009, Seção 1, p. 17.
- MIRANDA, M.G.de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8ª Edição, São Paulo. Brasiliense. 1989. p. 125-135.
- MORALES, A.S.; BATISTA, C.G. Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual. **Psic. Teor. e Pesq.** Brasília, v26, n02, jun 2010.
- PINHEIRO, S.N.S. Sexualidade e deficiência mental: revisando pesquisas. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas, v.8, n.2, dez. 2004.
- PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W. **Desenvolvimento Humano**. 7ed, Porto Alegre, Artmed, 2000. pp 382-385, 396, 407-413.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 17ed, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1989. p. 03-65, 67-75, 126-134.
- PRIOSTE, C.D. Educação inclusiva e sexualidade na escola: relato de caso. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 15, n. 1, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 mai 2013.
- PORTAL DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Escola Especial, apresentação**. Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Anonimo/EdEsp/apresentacao.aspx>>. Acesso em: 02 mar. 2013.
- ROCHA, D; DEUSDARA, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, dez 2005.
- ROSO, A. Comunicação. In: JACQUES, M.G.C. (et al). **Psicologia social contemporânea: livro texto**. Vozes. Petrópolis – RJ. 8.ed. 1998. pp. 146-180.
- SANCHES-FERREIRA, M.; LOPES-DOS-SANTOS, P.; SANTOS, M.A. A desconstrução do conceito de Deficiência Mental e a construção do conceito de Incapacidade Intelectual: de uma perspectiva estática a uma perspectiva dinâmica da funcionalidade. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v.18, n. 4, Dez. 2012.
- SIQUEIRA, M.J.T.; NUEMBERG, A.H.. Linguagem. In: JACQUES, M.G.C. (et al). **Psicologia social contemporânea: livro texto**. Vozes. Petrópolis-RJ. 8ed. 1998. pp.118-132.
- SOUZA, L.G.A. Cuidando do filho com deficiência mental: desvelamentos das vivências de pais no seu ser-com-filho. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – **USP**, Ribeirão Preto - SP. 2003, 159p
- SOUZA, L.G.A.; BOEMER, M.R. O Ser-com o filho com deficiência mental: alguns desvelamentos. São Paulo, **Paidéia**, 13(26), p. 209-219. 2003.
- UP: altas aventuras. Direção: Pete Docter e Bob Peterson. [S.L.] Pixar, 2009. 1h39min. Título original: UP.
- VENÂNCIO, A.T.A. Representações sociais da diferença: sexualidade e deficiência mental. **Physis**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, jul 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 mai 2013.
- VINCENTIS, S.de et al. A sexualidade nas adolescentes com epilepsia. **J. epilepsy clin. neurophysiol.**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16762649200700030003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 mai 2013.

Sobre os autores

Bruna Risquioto BATONI Graduanda em Psicologia na modalidade Bacharelado pela Faculdade Jaguariúna (FAJ) e aluna de Iniciação Científica (FAJ);

Luciana Gomes Almeida de SOUZA Mestre em Saúde Pública (USP), Especialista em Educação Especial (UNIMEP) e Docente da Faculdade Jaguariúna (FAJ);

Marília Palma e Silva Tafner TOPAN Graduanda em Psicologia na modalidade Bacharelado pela Faculdade Jaguariúna (FAJ);

Bruna Milani Fioritti CORBO Pós-graduanda em Neuropsicologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Endereço para correspondência: Faculdade Jaguariúna, Campus II, Rod. Ademar de Barros Km 127 Pista Sul – SP 340 PABX – (19) 3837-3244 e-mail: brbatoni@bol.com.br; lugasouza@yahoo.com.br; ma_topan@hotmail.com e brunafioritte@uol.com.br